

PROJETO GUIGNARD

Rui Mourão, escritor, diretor do Museu da Inconfidência e um dos fundadores, juntamente com Murilo Rubião, da Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP.

Entrevista realizada no Museu da Inconfidência, Ouro Preto, em 2003.

Gélcio: Nos primeiros anos da FAOP foi criada a Sala Guignard, uma homenagem ao artista. Seria importante um depoimento seu sobre a proposta da Sala e a origem do acervo que, posteriormente, foi transferido para o Museu Casa Guignard, em 1987.

Rui Mourão: A origem de tudo foi o acervo que ficou sob a responsabilidade da escritora Lúcia Machado de Almeida, ao ser extinta a Fundação Alberto da Veiga Guignard. O presidente da entidade, o ex-governador Milton Soares de Campos, agiu com sabedoria ao escolher a pessoa que, na ocasião, poderia ser responsável pela preservação do espólio do pintor. Pessoa de grande cultura e conhecida na condição de protetora do artista, que durante fase difícil teve acolhimento em sua casa, a autora de livros para crianças era ainda mulher de António Joaquim de Almeida, destacada personalidade que prestava excelente trabalho ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na condição de diretor do Museu do Ouro, em Sabará. Depois que assumi o comando executivo da FAOP, em Ouro Preto, Lúcia Machado procurou-me, buscando auxílio para dar destinação adequada àquilo que durante tanto tempo vinha sendo por ela apenas guardado e que precisava ser disponibilizado ao público. Disse logo que a nossa Fundação poderia dar ajuda naquele sentido, mas sem o compromisso da criação de museu, uma vez que para isso não dispúnhamos de espaço, nem havia a possibilidade de ser desenvolvido esforço, naquela eventualidade, para a obtenção de um imóvel para aquele fim. Seria necessário considerar, também, o fato de que o conjunto documental disponível, pouco numeroso, não permitia pensar em nada que fosse de maior vulto. Decidimos, de comum acordo, montar uma sala dedicada a Guignard no prédio à Rua Getúlio Vargas. Para organizá-la, convidamos o arquiteto Maurício Andrés. O resultado agradou a todos, chamou a atenção e deu início ao trabalho de divulgação em Ouro Preto da obra do pintor. Com o tempo, o funcionamento do espaço ficou prejudicado por falta de um gerenciamento próprio.

Gélcio: Que tipo de documentação compunha esse acervo?

Rui Mourão: Fotos relacionadas principalmente com as atividades do artista na Escola Guignard, em Belo Horizonte, desenhos, documentos pessoais, retratos de autoria de Carlos Scliar, auto-retratos de Guignard. Tratava-se de material expressivo, de muito boa qualidade, que viria a ser revelado na sua verdadeira significação no atual Museu Casa Guignard, onde vem sendo trabalhado com verdadeiro profissionalismo, por uma equipe especializada.

Gélcio: Naquele momento já se falava na criação de um Museu Guignard?

Rui Mourão: Lúcia Machado, no primeiro momento, pronunciou a palavra museu, que ficou de saída afastada, pelas razões que enumerei. E a FAOP, numa fase em que procurava se firmar, sempre em luta com limitações de ordem orçamentária, jamais alimentou essa pretensão. A determinação de se criar o Museu surgiu quando foi criada a Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais, sob a coordenação de Priscila Freire que, no período 1984-87, iniciou uma ação política visando a organização de várias casas-museu e propriedade da Rua Conde de Bobadela passou ao domínio estadual. O núcleo inicial, resultante da incorporação da Sala Guignard, viu-se enriquecido, posteriormente, por aquisições levadas a efeito por Ângela Gutierrez, na sua gestão como Secretária de Estado da Cultura.

Gélcio: E as suas memórias sobre Guignard, Rui?

Rui Mourão: Não tive jamais contato direto com Guignard. Apenas cheguei a vê-lo à distância em Belo Horizonte. Recordo perfeitamente da sua imagem no bar e restaurante *Pingüim*, tradicional estabelecimento por ele freqüentado. Com formação voltada para a literatura, o meu meio era de escritores. Às voltas com o problema de sobrevivência, obrigado a trabalhar para estudar, nunca tive disponibilidade para freqüentar a escola do Parque Municipal, onde uma geração anterior à minha – Valdomiro Autran Dourado, Wilson Figueiredo, Octávio Melo Alvarenga, Jacques do Prado Brandão e outros – conviveram com Guignard e seu companheiro, Franz Weissmann, que ensinava escultura.

Gélcio: Você acha que o pensamento que norteou a criação da Escola Livre de Desenho e Pintura de Guignard, no Parque Municipal, influenciou a criação da Escola da FAOP, também pensada em conceitos de uma escola livre?

Rui Mourão: O que existiram foram condições semelhantes de implantação desses núcleos de ensino. Tanto em Belo Horizonte quanto em Ouro Preto houve a criação de cursos livres porque essa era a única alternativa existente. A escola da FAOP, no início, não chegou a pensar em ser oficialmente reconhecida, para obter registro de seus cursos e poder oferecer diplomas validados. Posteriormente, essa possibilidade seria discutida por alguns professores que sonhavam com remuneração adequada para o seu trabalho. Eles foram contestados por outros, como Annamélia, Jair Afonso Inácio e Amílcar de Castro, que desaprovavam a idéia, achando que o ensino de arte não poderia estar sujeito à burocracia do ensino regular. Jair Inácio argumentava: “Um restaurador estará formado quando nós, ao avaliarmos objetivamente, declararmos que ele está apto para o trabalho. O tempo requerido para a formação de um profissional é muito longo e não será pelo cumprimento de um curso programado, com data de início e fim, que se vai reconhecer que uma pessoa está qualificada para atuar na área”.

Gélcio: A Escola da FAOP teria ainda outra identidade com o núcleo onde Guignard atuou em Belo Horizonte, interessado numa experimentação mais contemporânea? Houve alguma influência da Escola Guignard?

Rui Mourão: Sem dúvida. Guignard foi o introdutor do modernismo em Minas Gerais. Chegou com idéias revolucionárias que poriam fim ao academismo que por aqui imperava, e conseguiu se cercar da juventude mineira mais talentosa, interessada no desenho e na pintura. Foi responsável pela formação de toda uma geração. Muitos desses discípulos, mais tarde, iriam lecionar na Escola da FAOP. Guignard constituiu, desta forma, a grande força motriz que se encontrava por detrás do empreendimento ouro-pretano. Foi uma sombra protetora que pairou, sendo permanentemente referida e invocada por mestres da importância de Nello Nuno, Annamélia, Amílcar de Castro.

Gélcio: Após a morte de Guignard, em 1962, artistas que emergiam passaram por uma fase de negação da sua obra. Jarbas Juarez chegou a declarar nos jornais: “Guignard está morto, enterrado. Minas tem que se libertar, não podemos continuar a fazer esse Ouro Preto de Guignard...”

Rui Mourão: Uma declaração como esta é típica de quem está desejando abrir o seu espaço. Trata-se de mais um episódio próprio da luta das gerações, acaba sendo muito saudável. Mas nada disso pode abalar o prestígio de fato consolidado, como o de Alberto da Veiga Guignard, gênio dos mais autênticos, que transformou a paisagem artística de Minas, num rasgo de criatividade que estamos longe de ver superado.

Gélcio: Rui, quanto ao quadro “Paisagem de Minas”, acervo do Museu da Inconfidência e hoje em exposição no Museu Casa Guignard, poderia falar um pouco sobre a obra?

Rui Mourão: Este quadro se encontrava na Casa da Baronesa, onde funcionava a dependência local do IPHAN. Foi recolhido por Rodrigo Mello Franco de Andrade, dirigente nacional da instituição. Quando Dimas Guedes assumiu a direção em Ouro Preto, decidimos que parte do acervo museológico que lá se encontrava em uso ou em depósito, por razões de segurança, deveria ser recolhida pelo Inconfidência. Ao chegar, todas as peças foram devidamente tombadas. Entre elas estava o quadro, que durante muito tempo ficou dependurado em parede do meu gabinete.

Gélcio: Rui, alguma observação sobre a obra de Guignard?

Rui Mourão: Sou dos maiores entusiastas da obra de Guignard. Reconheço a genialidade de Cândido Portinari, mas o legado de Guignard me parece mais puro, mais genuíno e original. Ao adotar a temática de Ouro Preto, a sua criação adquiriu traço especial que acabaria por elevá-lo ao plano do onírico. Em minha opinião, é o expoente máximo da pintura no Brasil. Consagrado entre nós, carece da divulgação internacional que está a merecer.